



**AGATHA CHRISTIE**

**UM PRESSENTIMENTO  
FUNESTO**

Tradução de  
MILTON PERSSON

EDITORA RECORD

1987

## Sinopse

Envolver-se em tramas perigosas é uma especialidade do casal de aventureiros Tommy e Tuppence Beresford. Desta vez, durante uma visita a um asilo de senhoras, Tuppence vê um quadro que retrata uma casa que não lhe parece totalmente estranha. Lá, também conhece uma anciã que lhe fala de um menino morto escondido em uma chaminé. Pouco tempo depois, a velha senhora abandona o asilo sem dar qualquer explicação. Disposta a descobrir o paradeiro dela, Tuppence decide encontrar a casa misteriosa e acaba deparando-se com um assassino perverso.

Dedico este romance aos inúmeros leitores ingleses e estrangeiros que me escrevem constantemente perguntando: "Que fim levaram Tommy e Tuppence? Que estão fazendo agora?" Felicidades a todos. Faço votos que se divirtam ao reencontrá-los, bastante mais velhos, porém com o espírito indômito de sempre!

AGATHA CHRISTIE

Pelo comichar  
Do meu polegar  
Sei que deste lado  
Vem vindo um malvado.  
Abre-te porta:  
A quem, não importa!

MACBETH

# Sumário

<u>Sumário.....</u>	<u>3</u>
<u>PRIMEIRA PARTE .....</u>	<u>3</u>
<u>Sunny Ridge.....</u>	<u>3</u>
<u>1 - Tia Ada.....</u>	<u>3</u>
<u>3 - Um Enterro.....</u>	<u>29</u>
<u>4 - O quadro da casa.....</u>	<u>34</u>
<u>5 - O desaparecimento da velhinha.....</u>	<u>52</u>
<u>SEGUNDA PARTE - A casa do canal.....</u>	<u>72</u>
<u>7 - A bruxa camarada.....</u>	<u>72</u>
<u>8 - Sutton Chancellor.....</u>	<u>92</u>
<u>12 - Tommy encontra um velho amigo.....</u>	<u>178</u>
<u>13 - Albert e o fio da meada.....</u>	<u>206</u>
<u>QUARTA PARTE - Passa passará, o de trás ficará a porteira está aberta para quem quiser passar.....</u>	<u>227</u>
<u>14 - Um exercício de raciocínio.....</u>	<u>227</u>
<u>15 - Reunião no vicariato.....</u>	<u>241</u>
<u>16 - A manhã seguinte.....</u>	<u>262</u>
<u>17 - Mrs. Lancaster.....</u>	<u>272</u>

## PRIMEIRA PARTE

### Sunny Ridge

#### 1 - Tia Ada

MR. E MRS. BERESFORD estavam à mesa do café da manhã. Formavam um par comum, semelhante a centenas de outros casais maduros que faziam o

mesmo na Inglaterra inteira nesse dia idêntico aos demais. Talvez chovesse, mas por enquanto o tempo se mostrava incerto.

Quando moço, Mr. Beresford tivera cabelos vermelhos. Ainda conservavam um pouco da cor primitiva, embora a maior parte adquirisse a tonalidade gris-arenosa que em geral as pessoas ruivas ostentam na maturidade. Os de Mrs. Beresford, em compensação, tinham sido pretos, bastos e ondulados. Se agora apresentavam mechas grisalhas, dispersas em artificiosa negligência, o efeito final resultava atraente. Certa ocasião pensou em tingi-los, porém logo desistiu, conformando-se com a ordem natural das coisas e optando por um novo matiz de batom para se reanimar.

Um casal maduro, agradável e sem nada de especial, tomando seu café da manhã, deduziria um observador superficial. E se fosse jovem, acrescentaria: — Dois coroa simpáticos, não resta dúvida, mas decerto uns chatos de galocha, como todos os velhos.

Mr. e Mrs. Beresford, entretanto, ainda não haviam atingido essa fase da vida em que as pessoas são consideradas definitivamente velhas. Nem sonhavam que a exemplo de tantos outros estivessem relegados à categoria de trastes insípidos apenas devido à idade. Opinião de gente moça, lógico. Ora, essa rapaziada — pensariam indulgentes — nem sabe o que é viver. Até dá pena ver como se atribulam com exames no colégio, relações sexuais, roupas extravagantes e penteados exóticos para chamar maior atenção.

Na opinião de Mr. e Mrs. Beresford, ambos se encontravam em pleno vigor dos anos. Satisfeitos consigo mesmos, gostavam-se mutuamente e os dias transcorriam calmos, sem tropeços.

Havia exceções, é óbvio, tal como ocorre com todo mundo. Mr. Beresford abriu um envelope, relanceou os olhos pelo texto da carta e tornou a largá-la, em cima de um pequeno maço à sua esquerda. Tomou outro, porém dessa vez absteve-se de abri-lo. Ficou parado com ele na mão, fitando distraído o prato de torradas. A esposa o observou em silêncio durante certo tempo.

— Quê que há, Tommy?

— Hem? — fez, vago. — Quê que há?

— Foi o que eu perguntei — disse Mrs. Beresford.

— Nada — respondeu. — Que poderia haver?

— Você estava pensando em alguma coisa — afirmou Tuppence, de modo acusador.

— Acho que não estava pensando em coisíssima nenhuma.

— Estava, sim. Que aconteceu?

— Nada, lógico. Que idéia. Chegou a conta do bombeiro — explicou.

— Ah — fez Tuppence, com ar iluminado. — Mais do que esperava, imagino.

— Claro. Sempre é.

— Não posso entender como não treinamos pra bombeiro. Se ao menos você tivesse treinado, eu seria sua ajudante e estaríamos ganhando rios de dinheiro.

— Que imprevidência nossa, não é?

— Era a conta do bombeiro que você estava examinando há agorinha mesmo?

— Não, era um pedido de subscrição.  
— Delinquentes juvenis?... Integração racial?  
— Não. Apenas outro Asilo de Velhice em construção.  
— Bem, ao menos isso é mais sensato. Só não entendo por que fez uma cara tão preocupada.  
— Não foi nisso que eu pensei.  
— Ora, no quê, então?  
— Creio que foi o que me veio à idéia — disse Mr. Beresford.  
— O quê? — perguntou Tuppence. — Você sabe que no fim termina contando.  
— De fato não era nada importante. Achei apenas que talvez... bem, por causa de tia Ada.  
— Ah, percebo — retrucou Tuppence, com compreensão imediata. — É mesmo — acrescentou pensativa, num murmúrio. — Tia Ada. Seus olhares se cruzaram. A triste verdade é que hoje em dia toda família que se preze tem um problema que poderia ser cognominado de "tia Ada". Os nomes diferem — tia Amélia, tia Susan, tia Cathy, tia Joan, — numa miscelânea que inclui avós, primas velhas e tias-avós. O fato é que existem e representam um impasse que requer solução. Precisa-se tomar providências. Visitar e recolher informações completas sobre instituições adequadas ao trato de pessoas idosas. Pedir recomendações aos médicos ou amigos que já passaram pela mesma experiência, cujas tias Adas tivessem "vivido em meio ao maior conforto" até falecerem "Os Loureiros" de Bexhill ou "Os Alegres Prados" em Scarborough.  
Já vai longe o tempo em que tia Elizabeth, tia Ada

e congêneres moravam felizes nas próprias casas que lhes tinham servido de residência por décadas a fio, servidas por antigos criados fiéis, embora por vezes tirânicos. Ambas as partes então mostravam-se perfeitamente satisfeitas com a situação. Havia também uma profusão de parentas pobres, sobrinhas indigentes, primas solteironas apalermadas, ansiosas por um bom lar, três ótimas refeições diárias e uma cama bem cômoda. A oferta e a procura coincidiam e tudo se encaixava. Mas atualmente a coisa mudou.

As tias Adas de hoje exigem precauções meticulosas e não meramente destinadas a uma senhora idosa que, em virtude de artrite e outras dificuldades reumáticas, não possa ficar sozinha em casa sob perigo de cair da escada, sofra de bronquite crônica ou brigue com a vizinhança e insulte os fornecedores.

Lamentavelmente, essas tias Adas dão muito mais trabalho do que o extremo oposto na escala de idade. Uma criança ainda pode ser confiada a pais adotivos, impingida a parentes ou entregue a colégios apropriados, onde passe até as férias e haja possibilidade de excursões em burrinhos e acampamentos, e, de modo geral, oferece pouca resistência a esse tipo de solução. Já com as tias Adas o caso muda de figura. Tuppence Beresford teve uma — a tia-avó Primrose — que se notabilizou como encrenqueira. Impossível contentá-la. Mal dava entrada numa instituição garantidamente impecável em matéria de estada e conforto para senhoras idosas, e após um punhado de cartas à sobrinha, cumulando de

elogios um determinado estabelecimento dessa espécie, vinha a notícia de que se retirara indignada, sem aviso.

— Abominável. Não podia ficar lá mais um segundo!

No período de um ano, tia Primrose ingressou e abandonou onze instituições semelhantes. Um belo dia escreveu dizendo que havia encontrado um moço muito simpático. "De fato, o rapaz é um amor. Perdeu a mãe na infância e precisa terrivelmente de alguém que cuide dele. Aluguei um apartamento e ele vai morar comigo. A combinação é ideal para nós dois. Temos afinidades naturais. Você não tem por que se preocupar mais, minha querida Prudence. Meu futuro está resolvido. Amanhã vou procurar meu advogado, pois tenho de tomar certas providências em relação a Mervyn, na eventualidade de que meu falecimento preceda o dele, o que, afinal de contas, seria perfeitamente normal embora eu esteja pronta a lhe garantir que nunca me senti melhor na vida."

Tuppence correu ao norte (o incidente teve lugar em Aberdeen). Acontece, porém, que a polícia foi mais rápida e prendeu o maravilhoso Mervyn, procurado há algum tempo sob a acusação de obter dinheiro sob falsos pretextos. Tia Primrose ficou no auge da indignação, chamando aquilo de perseguição, mas depois de acompanhar o processo no tribunal (onde vinte e cinco casos do mesmo gênero foram levados em consideração) viu-se forçada a mudar de opinião a respeito do protegido.



— Creio que eu devia visitar tia Ada, sabe, Tuppence? — disse Tom. — Já faz tempo que não vou lá.

— Pois é — retrucou Tuppence, sem entusiasmo.

— Quando foi a última vez?

— Há quase um ano — ponderou Tommy.

— Mais. Um ano é pouco.

— Puxa, como o tempo voa. Não parece tanto assim. Contudo, creio que você tem razão, Tuppence. — Refletiu. — É horrível como a gente esquece, não é? Sinto até a consciência pesada.

— Não sei por quê. Afinal, a gente está sempre mandando coisas e escrevendo pra ela.

— Sim, claro. Nesse sentido você se esmera como ninguém, Tuppence. Porém, mesmo assim, às vezes se lêem coisas bem alarmantes.

— Está pensando naquele livro hediondo que conseguimos na biblioteca, e o horror que significou prós pobres velhinhos. Como sofreram.

— Tenho a impressão de que foi verdade... tirado da vida real.

— Não resta dúvida de que há lugares assim. E gente profundamente infeliz, que não sabe viver de outro jeito. Mas. o que é que se vai fazer, Tommy?

— O que todo mundo faz: tomar as máximas precauções. Escolher com prudência, verificar cada detalhe e certificar-se se existe um bom médico tratando dela.

— Você tem de reconhecer que não existe nenhum melhor que o Dr. Murray.

— É — disse Tommy, perdendo a expressão preocupada. — Murray é um sujeito de primeira.

Delicado, paciente. Se houvesse qualquer coisa errada, ele avisaria.

— Portanto acho desnecessária essa sua inquietação. Com que idade ela está agora?

— Oitenta e dois. Não, espere. Creio que oitenta e três — acrescentou. — Deve ser bastante horrível sobreviver a todos os parentes e amigos.

— Isso na nossa opinião. Eles não pensam assim.

— Como é que você pode afirmar?

— Ora, no caso de tia Ada posso até garantir. Não se lembra do prazer com que contou o número de amigas que já tinham morrido? Terminou dizendo:

— "E quanto à Amy Morgan, soube que não dura mais de seis meses. Vivia falando que eu era tão magrinha e agora é quase certo que vai antes pra cova. Com vários anos de antecedência." A perspectiva deixou-a eufórica.

— Seja como for... — insistiu Tommy.

— Eu sei, eu sei. Seja como for, você julga que é seu dever e, portanto irá.

— Não acha que estou certo?

— Está, sim. Certíssimo. Infelizmente. E eu também vou junto — acrescentou, com um leve toque de heroísmo na voz.

— Não — protestou Tommy. — Pra quê? Ela não é sua tia. Deixe que eu vou.

— De forma alguma. Também gosto de sofrer. Nós dois penaremos juntos. Você não se divertirá, eu não me divertirei e não creio por um instante que tia Ada tampouco se divertirá. No entanto compreendo perfeitamente que seja uma dessas coisas que necessitam ser feitas.

— Mas eu não quero que vá. Afinal de contas, já

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

